



GT 65. Patrimônios e Museus: narrativas em disputa e processos decoloniais

Coordenador(es):

Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu (UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Thaís Fernanda Salves de Brito (UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

Patrimônios e museus vem apresentando instabilidade incomum numa configuração de narrativas em disputa. Se estas agências apresentam-se como refratárias à ação do tempo preservando acervos milenares e sendo regidas por regimes jurídicos que as protegem, pesquisas recentes apontam para conflitos pautados por projetos de futuro para sociedades plurais. Argumentos evocam destombamentos, repatriamentos de objetos, fechamentos e/ou reestruturação de museus, releituras de objetos, aparelhamentos de antigos museus por cultos religiosos, destituições de leituras antropológicas dos objetos, novos enquadramentos para as exposições. Somos surpreendidos por proibições de exposições, imposição de conteúdos, disputas estéticas. Por outro lado, processos decoloniais vem abrindo espaço para saberes insubmissos trazidos pela resistência de povos outrora silenciados, como os povos indígenas. Patrimônios e museus tornam-se ferramentas de lutas pela cidadania e pela igualdade social. Surgem os museus sociais, os museus indígenas, as museologias colaborativas, a auto-inventariação de conhecimentos tradicionais, demandas por patrimônios imateriais e tombamentos acionados pelos chamados "detentores", protagonistas de suas histórias de vida. Este GT pretende abrigar trabalhos de pesquisa em torno desta temática, tendo como eixo central a defesa do papel da Antropologia no campo de Patrimônios e Museus no sentido de afirmar o direito às diferenças e à visibilização de narrativas insubmissas.

Dança do samba: um patrimônio cultural entre a imposição social e a insubmissão ancestral

Autoria: Bárbara Regina Pereira (Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz)

A dança do samba integra as matrizes do samba do Rio de Janeiro tornadas patrimônio imaterial pelo IPHAN, em 2007. Uma manifestação cultural exercida por homens e mulheres que vai muito além de uma execução corporal, é carregada de saberes passados entre gerações, principalmente as oriundas de diversas etnias africanas trazidas forçadamente para o Brasil. Nesse sentido, o complexo cultural que envolve o samba sempre fora marcado pela hierarquização cultural e, conseqüentemente, marginalizados por grande parte da sociedade. Este work aborda o inverso dessa relação: a potencialidade da dança do samba executada principalmente pelas mulheres das várias escolas de samba do Rio de Janeiro, inicialmente denominadas como cabrochas e posteriormente chamadas de passistas. Resultado da análise de trajetórias de dançarinas de diferentes gerações, a pesquisa aponta que há na dança do samba troca de saberes, de experiências, construção de redes de sociabilidade, entre outros elementos. Além disso, observamos que cada geração forjou percursos distintos na vida e no samba e que os contextos históricos e sociais foram, em muitos casos, preponderantes para suas escolhas. Sem visibilidade social, uma vez que muitas exercem profissões quase sempre desvalorizadas por determinados grupos dominantes economicamente, e também nas próprias escolas de samba, em razão da proponderância masculina nos espaços de decisão e de criação, as passistas construíram historicamente, além de redes de relações de trocas e de proteção, memórias sobre seus saberes, o que Pollak (1989) determinou como memórias subterrâneas. Avós, mães e outras familiares mulheres foram, em muitos casos, as principais influenciadoras para que ingressassem no universo do carnaval e comesçassem a desfilar como dançarinas. Outro fator influenciador foi o território, uma vez que a maioria tinha proximidade com as agremiações, podendo-se concluir que as escolas de samba se configuravam como um quadro social, como conceitou Halbwachs (2003). Por fim, embora a temática étnico-



racial não tenha sido inicialmente o foco da pesquisa, as questões foram emergindo na medida em que o work de campo foi avançando. Com isso, a investigação apontou também que o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) ainda é um entrave para que mulheres passistas exponham seus corpos livremente numa manifestação cultural popular, sem que sejam submetidas a julgamentos morais e moralizantes. Afinal, por que diferentes formas de arte ? especialmente as chamadas eruditas ? pressupõem a existência de um corpo seminu e no caso do samba a prática ainda é alvo de estereótipos, sobretudo hoje com o avanço das demandas feministas em vários campos e mais intensamente em relação ao direito aos corpos nos últimos tempos?



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: